

A TRADIÇÃO GRAMATICAL LUSO-BRASILEIRA *

Evanildo Bechara
UFF/UERJ

Está assente em trabalhos especializados que os estudos lingüísticos de feição científica só começaram nos inícios do século XIX, com a introdução do método comparativo, isto é, com a gramática comparada, que se ocupava com o estudo sistemático das estreitas relações entre línguas de uma mesma família histórica, sobretudo como gramática comparada das línguas indo-européias, com particular atenção para as línguas clássicas, germânicas e românicas.

Na verdade, como lembra Coseriu¹, o método histórico-comparativo – e também o que em nossos dias se entende por lingüística moderna – não estão à margem da tradição nem deixam de entrecruzar-se com preocupações próprias de outros períodos, embora faltem os traços de ligação de uma tradição ininterrupta.

A "ideologia positivista" na lingüística dessa época está assentada em quatro princípios, ora explicitamente indicados, ora só implícitos em todas as disciplinas específicas, cultivadas nessa época: o *princípio do indivíduo* ou "*atomismo*" científico, o *princípio da substância*, o *princípio do evolucionismo* e o *princípio do naturalismo*². O princípio do indivíduo privilegia cada fato de fala, cada som ou cada acepção de tal ou qual forma em vários textos; o princípio da substância se caracteriza por não se considerarem os fatos nas suas relações funcionais, mas, sim, pelo que são na fala, pela sua substância, e substância material, se se trata de aspectos materiais da linguagem; o princípio do evolucionismo se manifesta na predileção absoluta da "história" em vez da descrição; finalmente o princípio do naturalismo se denuncia ao se considerarem as línguas como objetos ou organismos naturais dotados de "evolução" própria.

Aponta-se, com inteira justiça, como introdutor do método histórico-comparativo em Portugal e, por extensão, no Brasil, Francisco Adolfo Coelho, com um pequeno mas revolucionário volume intitulado *A Língua Portuguesa* (Coimbra, 1868), de que apenas saiu a primeira parte, onde se aplicavam ao nosso idioma os princípios expostos por Frederico Diez na sua *Gramática das Línguas Românicas*, de 1836 a 1843.

* Palestra proferida no Congresso Internacional sobre o Português (Lisboa, 11 a 15 de abril de 1994).

Pondo de lado a importância com que os trabalhos de Adolfo Coelho iniciavam ou davam orientação científica a vários campos da investigação – como os estudos sobre línguas pré-romanas da Lusitânia e da Península, sobre creoulos, sobre etnografia e etimologia, sobre pedagogia, sobre folclore, sobre língua dos ciganos e ainda no campo da fisiopsicologia e da lingüística geral ou teórica, fixar-me-ei no domínio propriamente da gramática portuguesa para ressaltar seu maior empenho numa nova visão da fonética e morfologia históricas e, a partir daí, na conseqüente fundamentação da etimologia da língua portuguesa, dentro do constante modelo do genial Diez, esquecido por uns tempos, mas hoje reabilitado em pesquisas como as que levaram a efeito os competentes romanistas Harri Meier e Joseph M. Piel, nas suas discussões etimológicas.

Como Adolfo Coelho não chegou a escrever a gramática completa que tinha engenho e arte para fazer, embora nos deixasse muito material neste sentido, compêndios gramaticais escritos para outras línguas românicas, especialmente para o francês, com a mesma inspiração histórico-comparativa, vieram a preencher essa lacuna e a exercer extraordinária influência na elaboração de gramáticas destinadas às escolas secundárias e liceais em Portugal e no Brasil. Dentre estes compêndios estrangeiros, merecem referência especial os escritos por August Brachet – tradutor de Diez –, Ferdinand Brunot e Cyprien Ayer. Assim é que, em 1876, publicava Teófilo Braga a sua *Gramática Portuguesa Elementar*, fundada sobre o método histórico-comparativo, à imitação, segundo afirmativa do próprio autor, do que para o francês escreveu Brachet.

Os trabalhos de Adolfo Coelho foram fonte de inspiração, em 1881, para Júlio Ribeiro elaborar sua *Gramática Portuguesa*, obra com que o brasileiro pretendeu romper com a tradição gramatical então vigente. Dedicou a *Gramática* a Friedrich Diez, Emile Littré, Michel Bréal e Adolfo Coelho; curiosamente, Júlio Ribeiro não reverencia, na dedicatória, nenhuma de suas fontes de língua inglesa em que a obra, pelo conselho e até empréstimo do historiador e lingüista J. Capistrano de Abreu, também firmemente se baseia, segundo explicita no prefácio da 2ª edição.

Dez anos mais tarde, em 1891, ao escrever as suas *Noções Elementares de Gramática Portuguesa*, Adolfo Coelho refere-se nestes termos ao trabalho de Júlio Ribeiro:

Aproveitamo-nos para o nosso trabalho das publicações das gramáticas que têm tido por objetivo a língua portuguesa e das quais mencionaremos em particular os Srs. Epifânio Dias e Júlio Ribeiro, conquanto as doutrinas que eles adotaram nos fossem pela maior parte conhecidas há muito das fontes a que recorreram; é certo porém que esses dois autores averiguaram muitos fatos da língua de modo mais completo que seus predecessores e que o primeiro apresentou pela primeira vez entre nós modos de ver que se opunham à velha rotina em que se immobilizara o ensino gramatical e contribuiu sobretudo para a organização da sintaxe (pág. VI).

O método histórico-comparativo, não só pela leitura das obras que se iam publicando em Portugal, mas também pelo contacto direto com os trabalhos dos autores estrangeiros representativos das novas orientações, norteou a remodelação e plano de ensino de preparatórias, especialmente elaborado por Fausto Barreto. Catedrático do Colégio Pedro II, constitui-se esse professor no centro irradiador das modernas idéias e o programa que organizou para o ensino do idioma, serviu de fonte e estímulo ao aparecimento de gramáticas tão seriamente elaboradas, que ainda hoje são lidas com proveito.

Maximino Maciel, testemunha ocular desse movimento e autor de uma das melhores gramáticas para atender ao referido programa, assim se manifesta:

O que foi este programa, a influência que exerceu, o efeito que produziu pela orientação que paleava, desviando o álveo do curso das línguas, agitando questões a que se achavam alheios muitos dos docentes, é mister assergurarmo-lo: assinalou nova época na docência das línguas e, quanto à vernácula, a emancipava das retrógradas doutrinas dos autores portugueses que esposávamos (*Gramática Descritiva*, pág. 444).

Desta atuação de Fausto Barreto saíram as gramáticas de João Ribeiro, Pacheco da Silva Júnior e Lameira de Andrade, de Alfredo Gomes, de Maximino Maciel. Deste grupo cabe destacar as figuras de João Ribeiro e de Pacheco da Silva Júnior; o primeiro, entre outros campos da erudição, cultivou a fraseologia e, nesse domínio, publicou as *Frases Feitas*, com duas edições. O segundo, então jovem talentoso do corpo docente do Colégio Pedro II, leitor da melhor bibliografia estrangeira, trabalhou a semântica contemporaneamente a Michel Bréal, tendo saído postumamente as *Noções de Semântica*, em 1903.

Para atender à letra dos programas do ensino secundário oficial em Portugal, Antônio Garcia Ribeiro de Vasconcelos, catedrático da Universidade de Coimbra e erudito em tantas áreas do saber, redigiu em 1897, publicada no ano seguinte, uma *Gramática Portuguesa* destinada à terceira classe, reformulada um ano e pouco depois, já endereçada aos alunos de todo o liceu, elaborada nos moldes dos melhores estudos que se faziam em Portugal (Adolfo Coelho, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Leite de Vasconcelos, Gonçalves Viana, entre outros) e no estrangeiro, (Diez, Cornu, Meyer-Lübke), para colaborar no aperfeiçoamento do ensino gramatical nas escolas que, segundo seu parecer, "ainda geralmente se faz pelos velhos processos, incoerentes, arbitrários, metafísicos, que longe de imprimirem conveniente orientação ao espírito do adolescente, lhe dão uma noção falsa da língua e da gramática, e apenas servem para lhe fatigar sem proveito a memória com a fixação de paradigmas e regras, cujo fundamento fica sendo uma incógnita para o aluno, como para toda a gente, e cuja exatidão é muitas vezes desmentida pelos fatos" (pág. 5 do Prólogo). A excelência de doutrina dessa *Gramática Portuguesa* parece ter caído num imerecido esquecimento, tanto em Portugal quanto no Brasil, mas os que a leram com atenção, não deixaram de reputar-lhe o valor e considerá-la dos melhores compêndios gramaticais já elaborados para a nossa língua. Martinz de Aguiar, catedrático de português no Ceará e dos que melhor conheceram o idioma entre os

modernos professores brasileiros, tinha Ribeiro de Vasconcelos como nosso melhor gramático. Também Mattoso Câmara³ chamou a atenção para o fato de que, entre portugueses e brasileiros, foi ele o único que enfrentou uma descrição dos padrões da flexão verbal, e o resultado só não foi aproveitável porque, seguindo o estilo teórico da sua época, "executou uma análise diacrônica, partindo dos constituintes em latim para deprender os seus aspectos na língua portuguesa atual".

Escreveu ainda Ribeiro de Vasconcelos uma síntese preciosa de Gramática histórica, que continuava a revelar os dotes científicos e didáticos do erudito cate-drático de Coimbra.

Neste movimento renovador desempenha papel de relevo a figura extraordinária de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, cuja atividade se dividiu principalmente entre a Filologia e a História da literatura, tendo neste campo, com menor embasamento teórico para tais estudos, mas extremamente laboriosa, a companhia de Teófilo Braga. No Brasil, onde o acesso a textos antigos era difícil, não surgiu, por aquela época, nenhum investigador que estivesse à altura do que publicaram estes dois mestres, exceção feita ao labor do filólogo alemão radicado em São Paulo, Oskar Nobile, que preparou uma importante edição crítica de *As Cantigas do Trovador Joan Garcia de Guilhade*, com que, se não estou enganado, concorreu à cátedra de Filologia Românica da Universidade de Bonn, juntamente com W. Meyer-Lübke. Temos a atividade de editor do Pe. Augusto Magne da *Demanda do S. Graal, Boosco Deleitoso*, e parte do *Castelo Perigoso e Vita Christi*. Mais recente, ainda no campo da edição de textos, é justo lembrar entre brasileiros os trabalhos de Celso Cunha e Serafim da Silva Neto.

A fonética experimental foi uma disciplina que muito se desenvolveu nesta época, imbuída que estava esta disciplina do princípio do indivíduo ou do "atomismo" científico, pelo qual se estabelecia que cada som efetivamente pronunciado é diferente de qualquer outro, de modo que não há duas vogais *a* iguais, ainda no mesmo falante. Em Portugal, a fonética experimental encontrou em Gonçalves Viana seu iniciador; dono de um ouvido apuradíssimo, conseguiu elencar sons que só mais tarde, com a introdução de aparelhos sensíveis, puderam ser materialmente registrados. Além deste dote excepcional, possuía um extenso conhecimento de línguas estrangeiras, entre modernas e antigas. Seus estudos podiam ombrear-se com o que de melhor se fazia no estrangeiro, nos grandes centros universitários. O caminho aberto por Gonçalves Viana estimulou o aparecimento de alguns pouquíssimos seguidores em Portugal e no Brasil, entre os quais merecem referência Oliveira Guimarães e, mais recentemente, Armando Lacerda, José Oiticica e Antenor Nascentes.

Devotou-se ainda Gonçalves Viana a estudos lexicográficos, em cujo domínio escreveu as preciosas *Apostilas aos Dicionários Portugueses*, campo em que trabalhou também A.A. Cortesão, com seus *Subsídios*. Sua aptidão de foneticista levou Gonçalves Viana naturalmente a enfrentar o problema da unificação ortográfica do português, sendo, neste aspecto, o mestre incomparável a quem todos devemos a parte melhor que hoje vige do nosso sistema de grafia. Seu esforço neste

sentido encontrou competente companheiro de luta no filólogo clássico Rebelo Gonçalves.

Pela extensão de seu saber, pelo polifacetado horizonte de sua curiosidade intelectual e pela operosidade, José Leite de Vasconcelos poderia, com toda a justiça, dizer de si aquilo a que respondeu Gastou Paris, quando lhe perguntaram *o que é Filologia*. *Filologia*, concluiu, *Filologia é o que eu faço*. Realmente a Filologia Portuguesa dessa época, em todas as suas variedades de disciplinas e subdisciplinas, é o que Leite de Vasconcelos fazia nos seus livros e artigos, ou estimulava a fazer nas publicações que dirigia, com particular atenção a *Revista Lusitana*, hoje revivida graças à devoção e carinho de antigos discípulos e atuais admiradores. Podemos dizer que, se Adolfo Coelho foi o introdutor dos novos modelos teóricos que dominaram a lingüística histórico-comparativa do séc. XIX, coube a Leite de Vasconcelos assentar definitivamente suas bases no âmbito universitário e inocular no homem estudioso da sociedade o respeito por esse gênero de investigação, reafirmando pela sua ação que se tratava de uma ciência e não de passatempo de ociosos. Em Portugal e no Brasil exerceu influência tão eficaz e decisiva, que dele se pode afirmar que tudo o que se escreveu sobre nossa língua ou partia de suas lições ou a elas chegava como garantia de alicerce teórico. Falecido em 1938, ainda hoje se publicam os materiais recolhidos de uma vida toda dedicada à ciência e ao desvendamento da cultura do seu país e da sua gente.

Muitos mestres herdaram o honroso compromisso de levar avante a bandeira deixada por Leite de Vasconcelos: João da Silva Correia, cuja morte prematura roubou às letras um talento em plena ascensão; o competente e combativo Manuel Rodrigues Lapa, repartido entre a História Literária e a Filologia, a quem o embate das idéias injustamente impediu de alçar à cátedra universitária; mas felizmente essa bandeira acabou sendo de direito arrebatada por essa figura de cientista e de homem que encarnou L.F. Lindley Cintra, cujas lições e cujo exemplo ainda por muito tempo nortearão as investigações lingüísticas e filológicas de sua predileção.

A pesquisa dialectológica empreendida por Leite de Vasconcelos e depois, com objetivos e métodos mais rigorosos, na geografia lingüística, encontrou em Lindley Cintra e Manuel Paiva Boléo e nos posteriores discípulos o entusiasmo e a competência que fazem da disciplina um dos domínios mais promissores da lingüística portuguesa. A *Revista Portuguesa de Filologia*, fundada e até há pouco dirigida por Paiva Boléo, é um exemplo desse entusiasmo e dessa competência, exemplo que tem de ser prosseguido.

Paralelamente às inovações na investigação lingüística sob o chamado método da gramática comparativa e histórica, chegou a Portugal, pelo talento de um jovem professor de latim, as novas idéias no campo da tradicional filologia clássica, que tinham à frente as figuras de Boecke, Wolff, Lachmann, Ritschal, na Alemanha, e de Madvig, na Dinamarca. Este jovem professor chamava-se Augusto Epifânio da Silva Dias, a quem coube a renovação do estudo do latim, para o que trasladou ao vernáculo a versão alemã da *Gramática Latina* de Madvig e, sob o impulso dessa orientação, a reformulação, em 1876, de sua *Gramática Prática*, editada em 1870,

com o título de *Gramática Portuguesa*, rotulada, a partir da 4ª ed. de 1881, definitivamente, *Gramática Portuguesa Elementar*.

Estudiosos da história das idéias gramaticais no Ocidente, entre eles Sebastião Timpanaro, em *La Genesi del Metodo del Lachmann*, têm insistido na estreita relação, e conseqüente interinfluência dessa corrente renovadora da filologia clássica, em especial das idéias do método da crítica textual de feição lachmanniana, com as idéias da lingüística histórico-comparativa, pois que a busca de classificação genealógica dos códices e da reconstrução da lição do arquétipo se assemelha à busca do lingüista de classificação dos elementos hereditários da língua-mãe, partindo das inovações existentes nas línguas filhas.

Na produção científica de Epifânio, quer no domínio do latim, quer no domínio do português, esta marcante influência se manifesta na particular atenção dada ao registro dos fatos sintáticos e na preocupação da crítica textual, domínios que, em Portugal, Epifânio Dias praticamente inaugurou. Vale a pena registrar que não sendo o Brasil um cultor assíduo da filologia clássica nesta feição aqui assinalada, a influência da obra de Epifânio Dias só se deu em atenção ao domínio da sintaxe, que encontrou em Mario Barreto, e, com, menor extensão, em Sousa da Silveira, entre outros, os seus principais êmulos. A investigação e a produção da crítica textual chegaram ao Brasil desgarradas dessa influência direta do mestre lusitano.

Esta corrente de estudos voltados para a sintaxe, especialmente no registro dos fatos e não na sua tentativa de explicação – como assinalou Paiva Boléo ao ajuizar a obra de natureza sintática de Epifânio Dias e do brasileiro Said Ali, de quem adiante falarei – conta com outro latinista, Júlio Moreira, visivelmente influenciado pelo seu compatriota; deixou-nos os preciosos *Estudos de Língua Portuguesa*, inaugurando a preocupação sistemática com os fatos da língua popular.

Ainda no domínio da filologia clássica podemos citar, nessa ordem de estudos sintáticos e de estudos de crítica textual, especialmente no que toca ao texto camoniano épico e lírico – este com menor assiduidade –, José Maria Rodrigues, cujas notas críticas às duas edições da Epopéia que Epifânio Dias preparou, constituem observações importantíssimas sobre a língua do séc. XVI, mormente no campo da sintaxe.

Outro oriundo da filologia clássica que desempenha, na nossa história das idéias e movimentos gramaticais, papel de relevo é José Joaquim Nunes, que continua a preocupação com a crítica textual, em particular da poesia trovadoresca, mas pelo lado puramente gramatical, está ligado ao movimento inaugurado por Adolfo Coelho, a quem, por sinal, dedica seu *Compêndio de Gramática Histórica*, saído em 1919. Um forte indício dessa dicotomia que assinalo está na intenção de escrever, para essa obra, o capítulo de *sintaxe*. No Prólogo à 1ª edição, justificando a ausência desse capítulo, declara:

(...) verdade seja que, sabendo que o, há pouco falecido, professor Epifânio Dias, preparava um estudo especial dessa parte da gramática, desistira de ocupar-me dela, visto estar entregue a quem melhor do que eu podia desempenhar-se de tal tarefa. Publicado, porém, esse trabalho, reconheci que nele, apesar de excelente, o seu

autor seguira processo diferente do meu e por isso voltei à primeira idéia, mas entre o aparecimento daquele e a publicação deste foi-me impossível tratar desse assunto com a minúcia e extensão que ele requer; ficará portanto para mais tarde, se a vida me não faltar.

Ora a *Sintaxe Histórica* de Epifânio, já que seu autor vinha de uma tradição clássica, foi composta dentro dos modelos que encontrara nessa tradição, por exemplo, a *Syntax* de Dräger para o latim, ou a de Mätzner e de Ploetz para o francês, ambos também latinistas. Note-se até a pouca referência a citações das gramáticas de Diez e de Meyer-Lübke na *Sintaxe Histórica*, a qual pretendeu desde sempre, com esse título, ser uma sintaxe comparada (e não histórica) do latim e do português, intenção visível na constantíssima exemplificação com textos latinos e com remissões ao compêndio gramatical de Madvig que vertera ao vernáculo. As obras do notável latinista sueco Einar Löfstedt sobre a *Peregrinatio Aetherae* e sobre a latinidade posterior chegaram-lhe às mãos já tardiamente e o que delas citou no livro atenta apenas para questões pontuais.

De modo que a sintaxe em que pensara Nunes, deveria ser escrita nos moldes da que publicaram Diez e Meyer-Lübke para as línguas românicas, ou Brunot ou K. Nyrop para o francês. Seria uma obra gigantesca, praticamente impossível àquela época (e o é ainda hoje) para uma língua muito pouco investigada e, portanto, com muito pouco material colhido nessa *selva selvaggia* que é a sintaxe. Justifica-se, assim, que ainda no *Prólogo* da 2ª ed., de 1930, passados 11 anos, J.J. Nunes não pudera cumprir sua intenção:

Contrariamente aos meus desejos, pelas razões expostas ["porque outros trabalhos me têm prendido a atenção e absorvido o tempo"], ainda desta vez me não ocupo da Sintaxe, como prometera; não desisto, porém da primeira intenção, que procurarei pôr em prática, se Deus me der vida e saúde.

Infelizmente, a 3ª edição, em 1945 deste excelente *Compêndio*, quicá o mais rico de nossa língua, saiu depois da morte de seu autor e as anotações do exemplar de mão que os editores acrescentaram ao texto, nada diziam de sintaxe.

Ainda nas pegadas de Epifânio Dias, no domínio da filologia clássica e da portuguesa, ocupa lugar de distinção nessa dupla área de investigação o Doutor Rebelo Gonçalves, preocupado com crítica textual e com aspectos gramaticais da língua no século XVI, em particular de Luís de Camões.

Inserido no contexto do movimento lingüístico e pedagógico do final do século XIX, mas não diretamente ligado à atividade magisterial de língua portuguesa – pois era professor de alemão e de geografia –, vinha marcando seu lugar singular na produção filológica brasileira Manuel Said Ali, autor de três artigos publicados na *Revista Brasileira*, a partir de 1895, nos quais, fazendo aplicação de teorias lingüísticas de autores alemães, particularmente de Sievers, Brugmann, Delbrück, H. Paul, denunciava uma nova orientação no enfoque e tratamento de problemas específicos do idioma, como a colocação dos pronomes oblíquos átonos (problema que começou na gramaticografia portuguesa com as críticas ao romancista José de Alencar), os verbos impessoais e o emprego do infinitivo flexionado e não flexiona-

do. No primeiro tema, reforçou de Leite de Vasconcelos a classificação do português do Brasil como um dialeto, e como tal podia apresentar particularidades que o distinguíam do falar geral lusitano. No segundo, tratou a impessoalização com vistas de um linguísta e não de um gramático, e acerca do infinitivo, procurou mostrar que além das normas idiomáticas, há um espaço de uso sujeito à criatividade do utente, em que prevalecem as intenções da ênfases e do realce. Começava, assim, no Brasil, com parcimônia é verdade, pela interveniência de Said Ali, uma nova orientação em que não se separam a língua do homem que a fala, e aparecia aqui a influência de Saussure. Num livro saído no início da década de 20, a sua *Lexeologia do Português Histórico*, afirmava que:

É a psicologia elemento essencial e indispensável à investigação de pontos obscuros. As mesmas leis fonéticas seriam inexistentes sem os processos da memória e da analogia. Até o esquecimento, a memória negativa, é fator, e dos mais importantes, na evolução e progresso de qualquer língua.

Sinto aqui, além da idéia de progresso lingüístico de Otto Jespersen, a ressonância da lição de Saussure:

Au fond tout est psychologique dans la langue, y compris ses manifestations matérielles et mécaniques, comme les changements de sons (*Cours*, pág. 21)

O *Cours* saiu em 1916 e já na 2ª ed. (1919) das *Dificuldades da Língua Portuguesa* Said Ali se referia à dicotomia operacional da investigação lingüística de *sincronia e diacronia*:

Levei sempre em conta, nas diversas questões de que me ocupei, o elemento psicológico como fator importantíssimo das alterações de linguagem e, inquirindo a persistência ou instabilidade dos fatos lingüísticos, tomei para campo de pesquisas não somente o português do período literário que se estende de João de Barros a Manuel Bernardes, mas ainda o falar hodierno e, por outra parte, o menos estudado falar medieval. Pude assim colher resultados que dão regular idéia da evolução do idioma português desde a sua existência até o momento presente, de onde se vê a razão de certas dicções duplas, coexistentes ora, e ora sucessivas, fontes muitas vezes de renhidas e fúteis controvérsias. Nesses fatos encontraria F. de Saussure, creio eu, matéria bastante com que reforçar suas luminosas apreciações sobre lingüística sincrônica e lingüística diacrônica (pág. XVII da 5ª ed., 1957).

Se isso anunciava em 1919, na *Lexeologia*, que deve ter começado a redigir entre 1919 e 1920, optou por inovar nas pegadas do genial genebrino, e em vez de palmilhar, em obras do gênero "gramática histórica" a tradicional caminhada do latim ao português, elegeu duas sincronias mais próximas, as do português antigo e português moderno, para "colher resultados que dão regular idéia da evolução do idioma português desde a sua existência até o momento presente".

A novidade, apesar de rigorosamente científica, não foi compreendida na época; a crítica estranhava "uma gramática histórica sem latim" e a condenou a apenas duas edições em vida do autor. Só com o desenvolvimento da Lingüística no Brasil e com a iniciativa pioneira da Universidade de Brasília de propor a reedição de obras importantes é que as gramáticas de Said Ali reataram seus vínculos com a geração nova de estudiosos da língua portuguesa.

Além de operar com a distinção entre estudo sincrônico e estudo diacrônico dos fatos lingüísticos, Said Ali intuiu os conceitos de sistema, norma e fala, em vários momentos de suas pesquisas, como se pode depreender, por exemplo, dessa afirmação em *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*, ao referir-se ao emprego lusitano do pronome *si* em função não reflexiva:

Explicar um fenômeno lingüístico não significa recomendar a sua aceitação no falar das pessoas cultas. Isto não é da jurisdição do lingüista.

Dentro dessa visão, muito cedo apoiado em Sayce, insiste na distinção entre gramática descritiva, de caráter científico, e a gramática normativa, mera escolha de fatos tidos como recomendáveis na língua *standard*.

Outra intuição do mestre brasileiro diz respeito a compreender a linguagem e, portanto, uma língua como um objeto cultural, pertencente ao mundo das atividades e criações do homem e, assim, não está determinada por causas, mas que se produz com vistas a uma finalidade. É o princípio da *cultura*, que se opõe ao princípio positivista do naturalismo.

Estas antecipações na obra de Said Ali anunciando um movimento de trânsito entre uma visão exclusivamente historicista para outra em que encarecia o estudo sincrônico dos fatos lingüísticos, não passaram despercebidas a um lingüista da autoridade de J. Mattoso Câmara Jr.⁴, que afirma:

E em verdade se pode dizer que o seu campo de interesse foi a descrição sincrônica da língua, nos moldes propugnados por Saussure. Assim, a *gramática histórica* (...) não é o que por esse nome entendiam os seus contemporâneos, os mestres neogramáticos alemães, e que se entende ainda hoje: um estudo da cadeia de mudanças, a partir do latim vulgar, dos sons vocais, das formas gramaticais e das construções sintáticas. É no fundo uma gramática expositiva, complementada por um cotejo com as antigas fases da língua.

Em Portugal, uma autoridade da competência de Manuel Paiva Boléo também reconhecia a superioridade dos estudos de sintaxe do mestre brasileiro, que já caminhavam no sentido das explicações do domínio da Estilística.

Estabelecido este elo de ligação entre os estudos lingüísticos de caráter histórico e comparativo e a descrição de caráter sincrônico, estrutural, ver-se-á surgir para a língua portuguesa florescente período do estruturalismo e das correntes pós-estruturalistas de que dá conta o aparecimento de obras do maior interesse científico e encontros altamente estimulantes e proveitosos, como é mostra o que aqui esta

semana se realiza pela operosidade e dinamismo da Associação Portuguesa de Linguística.

Iniciam-se os estudos lingüísticos da 2ª metade deste século sob a égide do método sincrônico sobre o diacrônico, de tal forma, que ainda hoje ou se faz exclusivamente descrição, ou se faz primeiro descrição e depois história.

Há, todavia, um grupo de lingüistas neste final de século que pretende defender não um retorno da primazia da história nem, muito menos, negar a validade da descrição estrutural, que, para seu objetivo, é o único método adequado. O que Coseriu pretende – como acentuou numa recente comunicação a um congresso cujo tema era "A posição atual da lingüística histórica no âmbito das disciplinas lingüísticas" (Roma, 1992) – "é tão somente procurar deixar patente que a história (compreendidas também aqui as descrições estruturais, já que a descrição de um objeto, ainda que seja em um momento da sua história, é uma parte desta história), longe de ser, como freqüentemente se diz, uma ciência híbrida e incoerente (estrutural e atomizante ao mesmo tempo, sincrônica, lingüística e também não lingüística, etc.) é a ciência lingüística integral, que aspira a considerar os seus objetos, as línguas, em todos os seus aspectos e com todas as suas determinações internas e externas".

NOTAS

- 1- E. Coseriu, *Lecciones de Lingüística General*, pág. 15 e ss.
- 2- E. Coseriu, *ibid*; págs. 33 e ss.
- 3- J. Mattoso Câmara Jr., *Estrutura da Língua Portuguesa*, pág. 95.
- 4- J. Mattoso Câmara Jr., "Said Ali e a língua portuguesa" in *Dispersos* pág. 187.
- 5- E. Coseriu, "Lingüística storica e storia delle lingue" (in *La Posizione della Linguistica Storica nell' Ambito delle Discipline Linguistiche*, Roma, 1992, pág. 20).
